

OS NOVOS MUNDOS DA GEOGRAFIA*

Milton Santos**

Os Novos mundos da Geografia. Como tratar este tema? Proponho fazê-lo segundo três tópicos:

- o dos novos horizontes descortinados, neste fim de século;
- o dos novos enfoques possíveis, sob um ângulo abrangente;
- o da geografia propriamente dita, a partir da nova estrutura da realidade que leva a uma nova constituição da disciplina. Numa peça célebre, escrevendo a respeito da criação dos novos mundos, Claudel apresenta um Colombo que exclama: "fui enviado para reunir a terra". Era vítima da crença, vinda do fim do século XV, de que a descoberta de novos continentes completava o conhecimento do mundo. Essa crença foi renovada com certa frequência, já que outros descobridores, mas também autores, imaginavam que o mundo, finalmente, havia sido completamente descoberto.

É o caso do que acontece, por exemplo, em 1758, quando se imagina ter podido medir a terra a partir da possibilidade que foi

*Aula inaugural do Mestrado em Geografia do Instituto de Geociências da UFBA proferida pelo Prof. Milton Santos, em 05 de abril de 1994

**Professor Titular do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA.

pela primeira vez estabelecida, de conferir as distâncias entre os astros e de estabelecer as cartas dos mares de uma forma mais precisa, com a produção de uma imagem do Planeta mais próxima de sua realidade.

Já em nosso século, SIEGFRIED, (1954) no seu livro seminal *Aspectos do Século XX* diz: “a nossa geração acaba de descobrir o mundo” e acrescenta: “sem dúvida Vasco da Gama, Colombo e Magalhães, há quatro séculos atingiram as regiões mais distantes do planeta”. Mas a sua obra permanecia incompleta porque nos nossos mapas ainda existiam lugares, manchas, nos quais ainda se podia ler o termo “terra desconhecida”. Dizia ainda SIEGFRIED: “no céu, os novos horizontes também se alargaram em proporções que desafiam a imaginação, porque o século XX realiza a existência das galáxias, a imensidade do universo e sua contínua expansão”. Isto está escrito há 40 anos. Esse grande pensador teria, agora, que reescrever esse artigo, já que hoje, finalmente, o mundo é realmente passível de conhecimento. A nossa geração tem esse privilégio, o de ser contemporânea da cognoscibilidade da terra. Esse privilégio traz para a nossa disciplina, a Geografia, um trabalho e um desafio multiplicados, já que os progressos da ciência e da técnica, afinal, permitem-nos saber o que a terra é como um todo, mas, também, o que é cada lugar. As múltiplas formas de detecção não apenas deixam ver o retrato do mundo, mas autorizam também vê-lo como cinema, isto é, acompanhar o seu processo.

Ao mesmo tempo, se tornou possível enxergar de outra forma os sistemas solares e imaginar o homem transportando-se a outros universos. Só que, também, isso reforça a certeza de que a terra do homem é este planeta, não é o universo. É possível que o homem chegue a outros astros por intermédio do não-humano, como foguetes ou satélites, mas, está provado hoje também, pelos progressos científicos atuais, que a comunicação só é possível quando o entendimento do tempo é o mesmo; e tudo indica que esse entendimento não existe, ainda que pudesse haver vida em outros sistemas e astros.

Então, essa redescoberta do planeta, a que nossa geração assiste, nos obriga a uma série de indagações. A primeira delas é a renovação de uma pergunta que sempre ocupou o gênero humano: que é existir? Que significa estarmos aqui e não ali? Da mesma forma, o fato de sabermos o que são os lugares, nos obriga a uma outra indagação, quanto ao valor do lugar, isto é, quanto às relações entre lugar, localização e valor.

Mas os progressos da técnica e da ciência também são responsáveis por uma capacidade, antes recusada ao homem, de uma decomposição ao infinito do tempo social, levando àquilo que LANDES, D. (1992) chama, no seu livro *Pequena História da Pontualidade*, de produção, nos tempos de hoje, de obsessivos temporais. Essa obsessão pelo tempo, pela pontualidade e essa certeza de que o tempo é extremamente divisível nos é dada, de um lado, pela precisão dos relógios e de outro, pelo poder crescente dos computadores. Se, ainda, na metade do século XVII, os relógios mais precisos erravam algo como 10 segundos apenas, estes se reduzem a 1 segundo no início do século XVIII para, no segundo quartel do século XIX, a margem de erro se reduzir a um décimo de segundo, depois a um milésimo de segundo no primeiro quartel do século XX. Quando começa a aceleração contemporânea, também os relógios se põem cada vez mais precisos, já que no terceiro quartel do século XX a margem de erro é aquele "umzinho" já lá no sexto ponto, isto é, um milésimo de milésimo, e, 10 anos depois, essa margem de erro se divide ainda por 10. A pontualidade se torna historicamente possível e a subdivisão do tempo quase ao infinito também se torna historicamente possível, na medida em que o computador marca, com certeza e precisão, essa cisão do tempo que pode levar a tantos exageros.

Numa recente viagem de estudos que me levou a uma pequena cidade dos Estados Unidos, uma espécie de epicentro de algumas bibliotecas universitárias, algo que me divertia e chocava era ver que a conta do restaurante do hotel marcava a hora em que me sentava e a hora em que a nota me era trazida. Todavia, isso chocou menos que aquele hotel em New Brunswick em que me hospedei quando de uma visita à Universidade de Rutgers. Bastava apertar o botão 8, para ter a minha conta até aquele momento. Fui possuído de estupefação ao verificar na tela da televisão do meu quarto, que havia, no café matinal, tomado um suco de laranja e solicitado dois pães brancos...

Essa capacidade de documentar os gestos e os minutos da vida de cada indivíduo, dá impressão que se realiza completamente aquele vaticínio de ORWELL, G. (1949) no seu livro *1984*, uma fonte de pesadelo para cada um de nós, na medida em que aceitamos nos tornarmos praticamente impotentes diante desse policiamento de nossa vida mais íntima. Mas isso também traz, para a produção do conhecimento, e inclusive para a Geografia, possibilidades novas, já que a decomposição extrema do tempo autoriza a identificação

dos momentos. Por conseguinte, isso permite a localização temporal, e não apenas espacial dos eventos, levando a uma definição melhor de cada lugar em relação ao conjunto do acontecer. Esta nossa época também produz novos espaços entre os quais estão a imagem e o virtual. A imagem como se apresenta hoje é descrita por GAUTHIER, A. (1993), ao dizer que ela tem a mais larga autonomia em relação ao objeto, evoluindo numa esfera de liberdade máxima e tendo como ambição tomar, dentro dela, o tempo e reagir contra a emoção. A imagem instantânea, tal com nos é oferecida através dos *outdoors* é a vida efêmera. A sua eficácia vem exatamente da sua duração reduzida, isto é, de sua efemeridade. Por exemplo, as cidades são destinadas a mudar permanentemente de maquiagem, ao serviço dos que compram espaços destinados a acolher a representação dos seus interesses, na forma de imagens que criam, artificialmente, um tempo que não é o tempo do trabalho.

Mas nós sabemos que o tempo, afinal, se define pelo trabalho do homem. Não é o relógio que define o tempo, mas, o trabalho. As imagens, tal como hoje se fabricam, têm vida autônoma, independem do trabalho, sendo, por conseguinte, um desafio à noção de tempo, tempo de trabalho e à noção de espaço, produto do trabalho. Essa imagem é susceptível de uma transmissibilidade quase ilimitada, e é posta em circulação a partir de uma escolha e uma seletividade, que reproduzem as condições de poder, na sociedade local, na sociedade nacional e na sociedade mundial. É assim que, no espaço de uma geração, impõem-se imaginários forjados, fundados freqüentemente numa representação, e cujo conteúdo é uma história que desafia a História, porque produzida por alguns, ao talante de seus interesses exclusivos. Essa imagem, que é um aspecto e um dado do espaço, é que nos conduz hoje a uma outra manifestação do espaço, que é o virtual. São essas hiper-imagens, como escreve QUEAU, P. (1993), no seu livro *O Virtual (Le Virtuel)*, que misturam em permanência o verdadeiro e o falso, o sintético e o natural, o real e o imaginário, mas que podem nos tocar profundamente, e burlando a nossa vigilância e reclamando os nossos sentidos além das medidas habituais, impondo sensações que nos desnorteiam, distorções fantásticas da percepção, aquilo a que Lacan chamava a criação de espaços paradoxais, falhas dos espaços não temporais, uma representação para o que não existe, com a produção de sistemas simbólicos, que conduzem à subversão da realidade.

Esses novos espaços são um desafio à nossa capacidade de análise. Como, diante de um mundo assim feito, enfrentar a tarefa

do seu entendimento? Como tudo isso é resultado da técnica, nela podemos nos refugiar para tentar esse entendimento, mas, também, podemos buscar abrigo nos grandes sistemas explicativos que tanto nos vem da Filosofia como da Sociologia e da História. Na Geografia contemporânea tal exercício se dá com maior força nos países anglo-saxões e até certo ponto na Alemanha, mas a tendência também se instala nos países quase latinos como a França e a Itália e com certo empenho no Brasil.

O refúgio na técnica para esse entendimento, pode levar a equívocos. Um desses equívocos, de que as nossas universidades são vítimas indefesas, vem dos processos de modernização limitados à ampliação do patrimônio técnico, sem a concomitante crítica abrangente. A ampliação do patrimônio técnico invade a Geografia e leva ao reino dos computadores e dos sistemas administrativos que, juntos, são a matriz da burocracia, isto é, da mesmice entronizada que desencoraja a criatividade. Toda modernização deve incluir as coisas e as idéias, paralelamente. Se não há condições para ampliar o saber abrangente, a modernização, via máquinas, restringe o conhecimento crítico do mundo. É o que, por exemplo, pode-se dar com os sistemas de informação geográfica. Se não se implanta, paralelamente, a produção de um saber abrangente, a disciplina pode se limitar à aceitação de tarefas exclusivamente técnicas que, a médio prazo, reduzirão sua importância dentro da universidade e dentro das Ciências Sociais, e sua aptidão para entender a sociedade nacional e a sociedade mundial. Os signos são apenas o que eles são, um instrumento. Não podem aspirar à categoria de explicação. Se lhes damos um lugar desmesurado no esquema da produção intelectual, mais cedo ou mais tarde deveremos pagar por esse risco. Daí a necessidade de volta às preocupações com explicações mais gerais, com o recurso, cada vez mais freqüente, na explicação geográfica, à palavra de filósofos, de historiadores e de sociólogos, mas, também, de outros pensadores.

Esta tendência, muito mais viva nos países anglo-saxões, sobretudo nos Estados Unidos, constitui uma tendência emergente na Geografia francesa, e desponta já com força na Geografia alemã. Refiro-me, por exemplo, ao livro de Benno Werren sobre Sociedade, Ação e Espaço, recém publicado. Nesse capítulo, o Brasil se coloca em boa posição. Se em um país como a França, há numerosos geógrafos que se interessam pela teoria e pelo método, o que escrevem, praticamente, não passa para os outros geógrafos aferrados a um enfoque empírico. Se nos Estados Unidos a preocupação com a Filosofia e com a Sociologia é grande, a preocupação sintética com

o conteúdo da Geografia é menor, enquanto que no Brasil, de um lado, os trabalhos escritos por diferentes geógrafos a propósito da teoria e do método são utilizados no trabalho empírico e por outro lado, é crescente a preocupação quanto à construção de uma teoria geográfica.

Aqui, no Brasil, reinterpretamos, de nosso ponto de vista, filósofos que nos decênios anteriores direta ou indiretamente se inspiravam em Marx, aceitando-o ou combatendo-o como Sartre, Merleau Ponty, Lefévre, Habermas, como em alguns mais recentes que constituem a safra dos pós-modernistas como Foucault, Deleuze, Guattari, Lyotard, Baudrillard, Vattimo, Laclau e Jameson. E voltamos, também, a sociólogos-filósofos, tais como Durkheim e Simmel, sem falar de contribuições mais recentes, tais as de Balandier, Bourdieu, Boudon, Luhmann e Schutz. Nesse capítulo, referência obrigatória é a escola de Frankfurt, tanto nos ensinam Marcuse como Horkheimer, além do já citado Habermas.

Vale, aqui, ressaltar a contribuição de um DURKHEIM (1981), para o entendimento do espaço, com sua proposta de uma Morfologia Social. Durkheim, enterrado por quase um século pela geografia, agora está sendo ressuscitado, mas, sobretudo, por geógrafos de outros países que não o seu. Quanto a Simmel, o grande sociólogo alemão cuja obra hoje está sendo revista, foi um dos primeiros a tratar da questão da modernidade. Sua obra está sendo objeto de interesse dos geógrafos em diversos países, inclusive a partir de livros aparentemente insuspeitáveis como contribuição geográfica, como a *Filosofia do Dinheiro*, onde ele estuda, sob um ângulo diverso ao de Marx, a produção da escassez. De fato, isso ajuda a estudar a produção do espaço, porque a escassez constitui, certamente, uma chave para o entendimento de seu processo e funcionamento. Talvez, por isso, tanto Simmel quanto Sartre, que também escrevem copiosamente sobre escassez, aparecem como guias do entendimento da Geografia e do espaço no mundo de hoje.

Vale, também, insistir na contribuição de alguns outros sociólogos alemães, entre nós pouco conhecidos, como é o caso de Schutz e de Luhmann, ambos preocupados com a estruturação da sociedade e cujo trabalho tem um interesse muito grande para a Geografia. Um autor como SCHUTZ (1967) se refere, por exemplo, àquilo que ele chama de mundo dos antepassados, por oposição ao mundo dos contemporâneos. Mundo dos antepassados e mundo dos contemporâneos têm como traço de união o mundo dos nossos pais, isto é, aqueles que viveram o passado e vivem o presente, e para o presente trazem com eles tudo que era representação do mundo, numa

fase que desapareceu. Que é o espaço senão isso? Essa presença do passado e do presente nas coisas e nas ações já realizadas, essa presença do futuro nas ações possíveis? Isso é o espaço. A idéia de Schutz ajuda a uma redefinição do espaço da mesma maneira que as idéias de LUHMANN (1982), quando este diz que pouco podemos fazer com o passado distante, e pouco podemos comandar o futuro distante, mas há um passado próximo e há um futuro próximo que são o teatro e o resultado da ação presente do homem. Por aí, também, se encontra matéria para definir o espaço geográfico.

Toda esta construção de uma teoria da estruturação da sociedade contribui para o entendimento das coisas, tarefa para a qual não podemos esquecer o que nos vem de um Georges Balandier, um Touraine, um Bourdieu e, também, de um GIDDENS (1984), este deliciosamente irônico em relação aos geógrafos quando, por exemplo, diz que a Sociologia ainda espera que a Geografia dê uma contribuição importante para o desenvolvimento do saber sociológico. E diz, depois, ser possível que os geógrafos não se tenham ainda abalanchado a oferecer essa contribuição por estarem contentes com o aporte dos sociólogos ao avanço da Geografia... Essa cortante ironia tem despertado um copioso debate, — nem sempre fecundo mas prometedor — dentro dessa disciplina permanentemente queixosa que é a nossa.

Mas a nossa área de saber está emergindo da sua antiga posição defensiva para uma posição ofensiva, inclusive dentro das ciências sociais, na medida em que perguntamos aos sociólogos: afinal, o que é a sociedade global? Isso existe? É evidente que o geógrafo não pode desafiar, mas pode, modestamente, perguntar: será que a sociedade brasileira é explicável sem o território, modificado, ele também, ao longo do tempo? O uso dos ensinamentos vindos de filósofos e de sociólogos, clássicos e atuais, se explica por uma razão simples: é que o espaço, como qualquer categoria do pensamento, para ser operacional tem que ser, também, conceito. O mundo sempre teve população, relações sociais, lugar, regiões, em qualquer que seja a época. Então a região, o lugar, etc. são categorias permanentes. Mas o lugar, hoje, para ser entendido, exige o entendimento do tempo atual, exige um conceito. Mas a sociedade em movimento não se explica sem o entendimento do espaço.

Um objetivo a alcançar é superar as dicotomias que sempre ameaçaram a nossa disciplina, a começar por essa idéia persistentemente ambígua, a idéia de paisagem. Superar as dicotomias entre o universal e o particular, entre a objetividade e a subjetividade, entre a estrutura e a história, entre aquilo que chamamos

de aparência (o que chamávamos até recentemente de ideologia) e a realidade (aquilo a que chamávamos de realidade, até descobrir que a ideologia também é realidade).

É aí que a fenomenologia aparece como instrumento fundamental dentro da geografia. Através das coisas, dos objetos, isto é, da configuração geográfica, a fenomenologia permite passar do universal ao particular, sem cair no risco de uma interpretação "coisista", empiricista, indo além da coisa, do objeto, da materialidade do espaço. A dicotomia entre objetividade e subjetividade também pode ser balizada, tanto pela noção de estrutura como pelo uso de um método fenomenológico que inclua o que estou chamando de Geografia Existencialista, isto é, abrangente do Ser e do Existir, e não se contente com um enfoque individualista e fragmentário, de onde o movimento do mundo como um todo e da sociedade como um todo é excluído. Trata-se de compreender a produção da particularidade como realização da existência. A sociedade global seria apenas a essência, enquanto a existência seriam os lugares, na sua condição particular e cuja cristalização provisória, incluindo matéria e espírito, depende de condições atuais de tempo a serem resolvidos imediatamente no tempo seguinte por uma outra definição. A exigência fundamental para esse entendimento parece provir do fato de que o espaço representa a sociedade, mas, na condição de um seu aspecto, o que até pode permitir que se pense em uma pequena filosofia da geografia, uma filosofia menor e desprezenciosa, isto é, um sistema de conceitos abrangentes que de forma sistêmica exprima esse aspecto da realidade, o espacial do social, ou melhor, o socioespacial.

Para isso as soluções são muitas. Falarei de algumas. Primeiro, a preocupação com a globalização, vista não apenas como o que ela é hoje, isto é, algo de perverso, mas como o que ela pode ser, algo fecundo para a humanidade. Um outro aspecto que me parece fundamental na Geografia contemporânea, é que a totalidade, que até a nossa geração se construía na mente dos filósofos, era uma construção intelectual, mas, já hoje, ela tem existência concreta, empírica, graças ao fato de que todo o planeta está coberto por um sistema técnico de características semelhantes, utilizado por um sistema de produção global, universalizando os homens, os objetos e suas relações. Trata-se, pois, pela primeira vez na história do homem, de uma universalidade concreta, empírica.

A Geografia, destinada a trabalhar um mundo, que agora é amplamente e profundamente perceptível, ganha possibilidades novas,

graças a essa cognoscibilidade do planeta, e a essa intercomunicabilidade entre os homens, devido às facilidades de comunicação. Tudo isso que contribui para a produção dessa totalidade empírica, pode ser a base de uma teorização geográfica fecunda, ajudando a entender o que existe. A partir daí, há, também, a considerar a produção dessas redes de fluxos de informação que se superpõem aos fluxos de matéria e se constituem na nova matriz da organização territorial comandada por fluxos invisíveis, mas determinantes do que há de mais importante na vida econômica, social, política e cultural. Assim, as condições estão postas para que se reconstrua, a partir das novas realidades, uma Geografia capaz de ter força explicativa e de participar da necessária reconstrução da teoria social.

Essa força, todavia, vai depender, em parte, da associação entre a ciência e a arte. Um dos aspectos da vida universitária hoje, é que, em boa parte dos casos, o que nós escrevemos é ilegível para o resto da humanidade. Quanto a nós, geógrafos, acho que nem o fato de estarmos num Instituto de Geociências, deve nos levar a dizer que a Geografia é uma ciência. Ela é um conhecimento que ganharia em obedecer àquela sugestão de Bruno Latour, quando decidiu escrever uma novela para contar o resultado de uma pesquisa.

Na realidade, o texto científico é também produzido como uma novela, com um enredo elaborado a partir da produção do sistema dos conhecimentos. Esse enredo pode ser apresentado de forma dura, seca, árida, como geralmente fazem os cientistas (e, ainda pior, pelos que querem passar por cientistas), mas, também, pode ganhar uma forma legível pela humanidade em geral, como os geógrafos faziam no começo do século. Ler Vidal de la Blache é ainda um prazer, mas esse prazer da leitura foi diminuindo na medida em que o geógrafo quis ser cientista. Talvez, por isso, um outro geógrafo, SORRE, M. (1957), já dizia o seguinte: "Não é obrigatório para o geógrafo escrever mal"...

O grave é que, na Universidade, o sistema de promoções está praticamente baseado nesse hermético sistema de escrever, destinado à própria Universidade. Essa escrita da faculdade é um atropelo na produção de uma obra capaz de ter uma difusão mais forte. Antes, quando éramos desprenteciosos, escrevíamos o que todo mundo entendia, o que nos permitia, inclusive, ter uma certa influência política, a partir da universidade. É que a nossa preocupação era a de nos exprimir para a sociedade. Hoje, dentro da universidade, falamos muito do povo, palavra que repetimos com a boca cheia, mas, com frequência, escrevemos para nós mesmos.

Então, quem sabe, esta aproximação possível com a arte da novela (sobretudo nas ciências humanas que não devem estar muito preocupadas em ser científicas mas, apenas, em constituir uma disciplina do saber) pode permitir ao trabalho universitário alcançar a sociedade, a partir da universidade. Aceitemos, por conseguinte, o conselho de Bruno Latour, segundo quem, o trabalho do homem na universidade é muito parecido com o trabalho do literato, do novelista, do romancista, na medida em que ele, também, produz enredos. Se o enredo do mundo, e, no caso particular, o enredo do Brasil, que produzimos for vestido com as frases que a sociedade é susceptível de entender, apreciar, seguir, a nossa verdade será a deles, isto é, verdade da sociedade, e o nosso papel na vida social será multiplicado.

Ninguém está melhor localizado para fazê-lo que o geógrafo, pelo tipo de material com que está obrigado a trabalhar: a vida cotidiana, as relações de todos dos homens entre si, as relações dos homens entre si e com o meio onde vivem. Com esses 35 anos de uma Geografia renovada dentro da Universidade da Bahia, que agora se fortalece, com a ajuda dos próximos mestrandos e doutorandos, e na medida em que a geografia brasileira deixa de ser apenas consumidora da produção de outros, os próximos 35 anos podem ser marcadas por esse esforço.

Referências

- DURKHEIN, E. 1937. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Presses Universitaires de France 1981 (20^o ed.).
- GIDDENS, A. 1984. *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity Press.
- GAUTHIER, A. 1993. *L'impact de l'image*. Paris: L'Harmattan..
- LANDES, D. 1992. *Petite Histoire de la Ponctualité*. Paris: Gallimard.
- LUHMANN, N. 1982. *The Differentiation of Society*. N. York: Columbia University Press.
- ORWELL, G. 1949. 1984. N. York: Harcourt Brace Jovanovich.
- QUEAU, P. 1993. *Le Virtuel. Vertus et Vertiges*. Paris: Champ Vallon.
- SCHUTZ, A. 1967. *The Phenomenology of Social World*. Evanston: Ill.. Northwestern University Press.
- SIEGFRIED, A. 1954. *Aspects du XXème Siècle*. Paris: Gallimard.
- SORRE, M. 1957. *Sociologie et Géographie*. Paris: A. Colin.